

A close-up, black and white photograph of piano keys. The keys are arranged in a row, with the focus on the central ones. The lighting is dramatic, highlighting the texture of the keys and the shadows between them. The background is dark and out of focus.

TEATRO
NACIONAL
S. JOAO

MOSTEIRO DE
SÃO BENTO DA VITÓRIA
16 FEV 2023

MUSIC4L MENTE

Ciclo de
concertos com
prelúdios
científicos
Schubert &
Adolphe

qui—19:00

JUVENTUS ENSEMBLE

Filipe Pinto-Ribeiro (piano)
Amia Janicki (violino)
Tomás Soares (violino)
Sofia Silva Sousa (viola)
Pedro Gomes Silva (violoncelo)
Tiago Pinto-Ribeiro (contrabaixo)

PROGRAMA

Franz Schubert (1797-1828)
- Quinteto D 667, *A Truta*
I. Allegro vivace
II. Andante
III. Scherzo - Presto
IV. Andantino - Allegretto
V. Allegro giusto

Bruce Adolphe (n. 1955)
- Sexteto *Dreaming and Thinking*

ESTREIA MUNDIAL

prelúdio científico
Neurociências e Música
Bruce Adolphe

curadoria
Filipe Pinto-Ribeiro

coorganização
DSCH - Shostakovich Ensemble,
Ministério da Ciência, Tecnologia
e Ensino Superior, Teatro Nacional
São João

dur. aprox. 1:30
M/6 anos



NOTAS AO PROGRAMA

BERNARDO MARIANO*

Schubert

O Quinteto *A Truta* foi escrito no Verão de 1819, que Schubert passou na companhia de Johann Michael Vogl, seu amigo e famoso barítono, na região da Alta Áustria. Um dos sítios em que estiveram alojados foi na casa de Sylvester Paumgartner, mecenas musical e violoncelista amador, de quem terá partido a ideia de uma obra incorporando o *Lied* de Schubert intitulado *A Truta*, na qual o tema dessa canção aparecesse tratado na forma-
-variação. Schubert aquiesceu e o resultado foi este Quinteto em cinco andamentos, com a tal canção a surgir no 4.º, enunciada primeiro só pelas cordas (com o tema no primeiro violino), em *pianissimo*, sendo depois elaborada em seis variações.

A riqueza melódica do 1.º andamento (na forma-sonata) verte-se em dois temas, duas ideias secundárias e numa ideia terminal (introdutora da Coda). O 2.º andamento (fá maior, com secção central em dó menor) é um idílio, uma descrição de um *locus amoenus*, só passageiramente sombreada (com alguns curiosos ecos de *A Morte e a Donzela*). O *Scherzo* (3.º andamento) remete para os congéneres de Beethoven, mas com arestas mais “limadas”. Vem então o 4.º andamento, que de resto explora de forma bastante interessante o princípio da variação. O andamento final prenuncia o seu homólogo da tardia Sonata D 960 e tem a particularidade de nele surgirem (no piano, mas depois também nas cordas) os padrões pianísticos que acompanham a voz na canção *A Truta*, num andamento em que Schubert explora habilmente o regresso motivico/temático de andamentos anteriores.

Adolphe

Dreaming and Thinking, num único andamento, é o resultado de uma encomenda de Filipe Pinto-Ribeiro ao compositor Bruce Adolphe. Ao ler as notas que o próprio

escreveu sobre a sua criação, fica-nos a impressão de um quase *estudo de caso* sobre os meandros do processo criativo, envolvendo, ligados os que por anéis, três fases ou estádios: o pensamento I (as ideias), o sonho/semi-vigília (elaboração imaginosa) e o pensamento II (selecção e organização). Diz Bruce Adolphe: “Estou sempre a pensar sobre música, procurando no meu *melting pot* musical e arquivo mental, pelo que há um pensamento prévio, um projecto preliminar que desencadeia ideias. É essa actividade que depois *migra* para os sonhos, ou para o estado hipnagógico, e aí frutifica. Foi este processo *de chegada*, digamos, que eu procurei preservar ao fixar no papel o que viria a ser *Dreaming and Thinking*.”

Adolphe explica um pouco melhor essa abordagem: “Esforcei-me por manter as ideias no seu estado inicial mais simples, não fiz rejeições da maneira como normalmente faço. Nesse processo, aprendi imenso sobre a minha própria forma de pensar musicalmente. Optei por várias frases que vão reaparecendo, em vez de as desenvolver, ou variar – ou variar desenvolvendo – no sentido tradicional desses termos. Preservei e associei simplesmente as várias ideias que fui tendo.”

Um procedimento que poderia aproximá-lo da psicanálise, do surrealismo e de tantos processos da pintura moderna/de vanguarda, mas para o compositor “compor tem sempre algo de auto-análise, de catártico, de exposição espontânea do inconsciente: é um mergulho na nossa psique, mas exteriorizado diversamente, sob a forma de sons”.

E relembra um factor que o pode ter auxiliado: “A prática da improvisação, desde pequeno, reforçada na universidade por um professor que estimulou essa faceta e me ajudou a nunca descartar liminarmente ideias musicais.”

A instrumentação não foi pré-definida: “O Filipe pediu-me uma peça de câmara tendo por centro o piano, mas mais tarde falou-me do irmão contrabaixista e de como gostaria que ele fosse incluído, pelo que me decidi pela formação de quinteto de cordas (com contrabaixo) e piano”, com generosa exploração do diálogo instrumental. Bruce

Adolphe admite que “as partes mais exigentes são certamente as do piano e do primeiro violino. Dá-me muito mais prazer compor quando sei algo sobre quem vai tocar. Vejo-me sempre como um dramaturgo, escrevendo para seres humanos que vão subir a um palco para *entregar* uma obra.”

O que chama a atenção em *Dreaming and Thinking* é ela ser dominada pelos compassos 9/16 e 4/4: “No 9/16, exploro um estilo de música mais *jazzy*, mais ligeiro, com um material mais estável e a ênfase no ritmo, ao passo que exploro o 4/4 como uma moldura que posso preencher como quiser: com ideias mais diferenciadas, uma rítmica mais contrastante, um fraseado mais variado. A linguagem explora o conceito de tonalidade alargada, com vocabulário tonal nos vários planos, mas sem que alguma vez se afirme um centro tonal, recorrendo eu com frequência a nuvens harmónicas que funcionam como ornamento.”

A opção por uma obra num só andamento radica “na noção de sonho, de ideias e imagens num constante fluxo. Pensei primeiro em ter um andamento *mais sonho*, seguido de outro *mais pensamento*, mas depois preferi a noção de tudo estar sempre em movimento para trás e para diante”. Um percurso no qual os intérpretes são orientados por indicações de carácter adjectivadas como *Pensively, Passionately, Wildly*, ou *Flowing*: “É sempre difícil para mim escrever esse tipo de indicações (de *tempo*, agógicas, de carácter), isto é, encontrar palavras que traduzam o que quero exprimir com aquela música em particular. Por isso, pensei nessas palavras como se se tratasse de um guião para actores lerem, dando-lhes uma ideia do ambiente que deve presidir a cada cena.”

* Musicólogo.

Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.

JUVENTUS ENSEMBLE

Colhendo no seu nome inspiração na deusa da juventude da mitologia romana – o JuvÉ é um novo projeto musical, no âmbito da música de câmara. Agrupamento musical de geometria variável, promove concertos e residências com artistas consagrados, no intuito de acolher e valorizar os valores emergentes do panorama musical nacional, abordando um repertório de diversas épocas e estilos musicais. O concerto de estreia teve lugar na Igreja de São Francisco em outubro de 2022, inserido no Bragança ClassicFest. Tem direção artística de Filipe Pinto-Ribeiro.

Filipe Pinto-Ribeiro

É um dos grandes músicos portugueses da atualidade e dos que mais reconhecimento internacional conquistaram enquanto solista e músico de câmara. Diplomado e doutorado pelo Conservatório Tchaikovski de Moscovo, encetou desde então uma carreira que o tem levado a apresentar-se nas mais conhecidas salas e com as principais orquestras portuguesas, e em alguns dos reputados palcos e séries de concertos da Europa e América. Criou, em 2006, o DSCH – Schostakovich Ensemble (de que é diretor artístico), onde se tem reunido, ao longo dos últimos quase 20 anos, a muitos dos mais significativos músicos do nosso tempo para concertos um pouco por todo o mundo. Foi a partir desse Ensemble que criou em 2015 a Academia e o Festival Verão Clássico, hoje um dos mais importantes festivais de verão do mundo. É diretor artístico do Festival de Música dos Capuchos e do Bragança ClassicFest. Tem uma ampla discografia e é, desde 2014, “Artista Steinway”.

Amia Janicki

Violinista suíça, de origem austríaca, polaca e japonesa. Nascida em 1997, estudou com Tedi Papavrami, em Genebra. Atualmente, estuda na classe de Pavel Vernikov, em Viena. Foi laureada em concursos internacionais e

apresentou-se em várias salas de prestígio: Musikverein de Viena, La Monnaie e Bozar, em Bruxelas, e Grand Théâtre, em Genebra. Apresentou-se como solista com a Tonkünstler Orchestra e as Sinfónicas da Croácia e da Lituânia, entre outras. Em música de câmara, colaborou com músicos consagrados, como Tedi Papavrami, Xavier Phillips, Gary Hoffman, Miguel da Silva ou François-Frédéric Guy. É desde 2021 artista em residência na Capela Real Rainha Elisabete, na Bélgica, na classe de violino de Augustin Dumay. Toca um violino Niccolò Amati, de 1645, cedido pela Fundação Maggini.

Tomás Soares

Estudou na Escola de Música do Colégio Moderno, em Lisboa, e frequenta atualmente os mestrados em Performance no Conservatório Real de Antuérpia, na Bélgica, e em Performance Solo na Folkwang Universität der Künste, na Alemanha. Participou em *masterclasses* com os professores Gerardo Ribeiro, Gwendolyn Masin, Aníbal Lima, Alissa Margulis, Albert Markov, Ilya Grubert e Sergey Ostrovsky. É violinista do Quarteto Tejo, com o qual ganhou em 2019 o Prémio Jovens Músicos da Radiodifusão Portuguesa. Colabora regularmente com a Orquestra Metropolitana de Lisboa e a Orquestra de Câmara Portuguesa.

Sofia Silva Sousa

Nasceu em Braga, onde estudou no Conservatório Calouste Gulbenkian. Graduou-se na Royal Academy of Music, em Londres, na classe de James Sleigh. Prosseguiu a formação com Nathan Braude, no Royal College of Music, e com Miguel da Silva, na Capela Real Rainha Elisabete, na Bélgica. Foi distinguida como Jovem Músico do Ano em 2018, tendo recebido o Prémio Maestro Silva Pereira, na sequência da vitória na 32.^a edição do Prémio Jovens Músicos da Radiodifusão Portuguesa. Em música de câmara, é membro fundador do Quarteto Tejo. Desde 2020, é violetista da London Symphony Orchestra.

Pedro Gomes Silva

Nasceu em Lisboa. Concluiu em 2016 a licenciatura na Escola Superior de Música de Lisboa, sob a orientação de Levon Mouradian. Trabalhou com Pavel Gomziakov e, como bolsheiro da Fundação Gulbenkian, estudou em Londres com Louise Hopkins e Adrian Brendel, e em Amesterdão com Pieter Wispelwey. Conquistou o 1.º prémio no Virtuoso & Belcanto Competition 2019, em Itália, e foi finalista do prestigiado concurso Cello Biennale 2020, nos Países Baixos. Em música de câmara, tem colaborado com reputados músicos e, enquanto solista, apresentou-se com várias orquestras portuguesas e estrangeiras. Colabora regularmente com a Orquestra Gulbenkian e a Orquestra XXI. É membro fundador do Artium Trio, vencedor do Prémio Jovens Músicos da Radiodifusão Portuguesa em 2016, com o qual lançou dois CD para a editora KNS Classical, elogiados pela crítica especializada internacional.

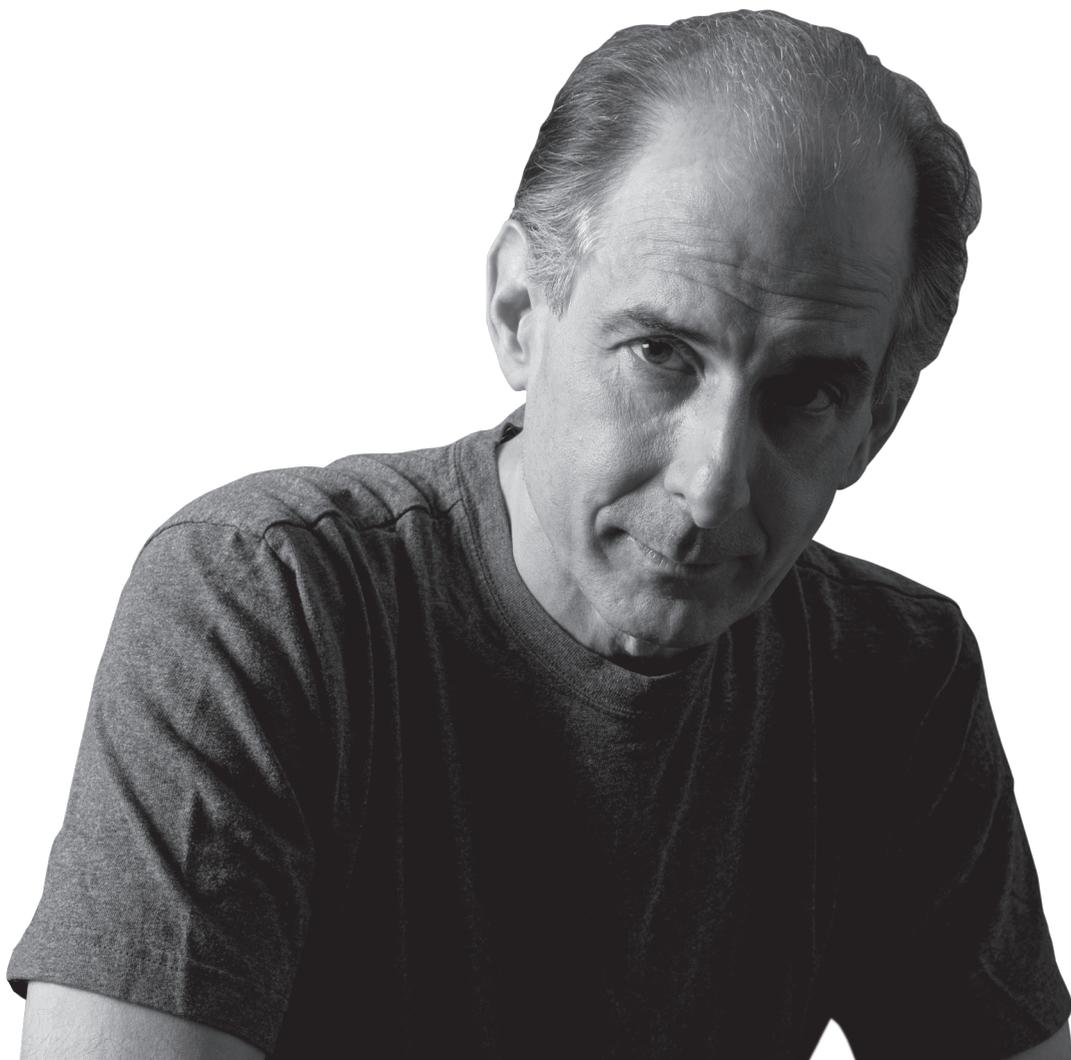
Tiago Pinto-Ribeiro

Nasceu no Porto, estudou na ESMAE e graduou-se na Universidade das Artes de Berlim, onde estudou com Michael Wolf. Foi laureado em concursos nacionais e internacionais. Integrou algumas das melhores orquestras mundiais: Sinfónica NDR de Hamburgo, Sinfónica de Berlim, Filarmónica NDR de Hannover, Sinfónica da Galiza, entre outras, onde foi dirigido por maestros consagrados, como Claudio Abbado, Christoph von Dohnányi, Kent Nagano e Christoph Eschenbach. Em música de câmara, é membro do DSCH – Schostakovich Ensemble e colaborou com grandes músicos, como Gérard Caussé, Pascal Moraguès, José van Dam, Benjamin Schmid, Marcelo Nisinman, Adrian Brendel, Jack Liebeck, Kyril Zlotnikov, Corey Cerovsek, Silvia Careddu e o irmão Filipe Pinto-Ribeiro. É contrabaixista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e professor de Contrabaixo e Música de Câmara na Universidade de Aveiro.

PRELÚDIO CIENTÍFICO

NEUROCIÊNCIAS E MÚSICA: *DREAMING AND THINKING*

Bruce Adolphe analisa o papel da imaginação (*sonhar*) e da decisão (*pensar*) na composição musical, referindo estudos científicos atuais sobre os sonhos e o estado hipnagógico (a fronteira entre o sono e a vigília), nomeadamente os do neurocientista António Damásio, que dirige o Instituto do Cérebro e da Criatividade na Universidade do Sul da Califórnia, do investigador do sono Robert Stickgold, da Universidade de Harvard, e de vários cientistas da Sociedade Francesa de Investigação e Medicina do Sono. Partes desta comunicação provêm do seu novo livro, *Visions and Decisions*, publicado pela Cambridge University Press.



BRUCE ADOLPHE

Muitas das suas obras são inspiradas pela ciência, pela história e pela luta pelos direitos humanos. São frequentemente interpretadas por músicos de primeiro plano, como Itzhak Perlman, Yo-Yo Ma, Fabio Luisi, Joshua Bell, Daniel Hope, Angel Blue, o Brentano String Quartet, a Washington National Opera, a Metropolitan Opera Guild, a Human Rights Orchestra, e mais de 60 orquestras por todo o mundo. As suas peças mais tocadas incluem o concerto para violino *I Will Not Remain Silent*, o dueto para violino e piano *Einstein's Light*, e *Tyrannosaurus Sue: A Cretaceous Concerto*. Em colaboração com António Damásio, criou *Self Comes to Mind*, estreada em 2009 pelo violoncelista Yo-Yo Ma no American Museum of Natural History, em Nova Iorque. Escritor, conferencista e pedagogo inovador, tem contribuído para a audição e fruição da música através de meios inusitados. É autor dos livros *The Mind's Ear: Exercises for Improving the Musical Imagination for Performers, Listeners and Composers* (2021) e *Visions and Decisions* (2023). Escreveu o capítulo sobre composição incluído em *Secrets of Creativity: What Neuroscience, the Arts, and Our Minds Reveal* (2019) e "The Sound of Human Rights: Wordless Music that Speaks for Humanity", um dos capítulos do *Routledge Companion to Music and Human Rights* (2022). Conhecido de milhões de ouvintes americanos de rádio e podcasts pelo seu segmento semanal *Piano Puzzler*, inserido em *Performance Today*, popular programa de música clássica produzido pela American Public Media. É conferencista residente e dirige concertos para famílias na Chamber Music Society do Lincoln Center, em Nova Iorque, e diretor artístico do Off the Hook Arts Festival, no Colorado.

produção executiva
Mónica Rocha

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Pedro Guimarães

luz
Filipe Pinheiro
coordenação
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Nuno Gonçalves
Marcelo Ribeiro

maquinaria
Filipe Silva
coordenação
António Quaresma
Carlos Barbosa
Joel Santos
Jorge Silva
Lídio Pontes
Nuno Guedes
Paulo Ferreira

som
Joel Azevedo
coordenação
António Bica

vídeo
Hugo Moutinho

tradução para legendagem
José Gabriel Flores

operação de legendagem
Constança Carvalho
Homem

APOIO

 **ANTENA 2**

AGRADECIMENTOS

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

Edição
Teatro Nacional São João

coordenação
Fátima Castro Silva

fotografia
Barbara Luisi
(Bruce Adolphe)

design gráfico
Pedro Nora

impressão
Sersilito – Empresa
Gráfica, Lda.

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o concerto. O uso
de telemóveis e outros
dispositivos eletrónicos é
incómodo, tanto para os
intérpretes como para os
espectadores.

**PRÓXIMOS
CONCERTOS**

27 ABR 2023
**MOZART &
SCHOSTAKOVICH**

Filipe Pinto-Ribeiro (piano)
Esther Hoppe (violino)
Christian Poltéra (violoncelo)

obras de
Wolfgang Amadeus Mozart – Trio KV 548
Joaquín Turina – Trio *Círculo*, op. 91
Dmitri Schostakovich – Trio n.º 2, op. 67

prelúdio científico:
Astrofísica e Música, **Vítor Cardoso**

29 JUN 2023
SCHUMANN & BRUCH

Filipe Pinto-Ribeiro (piano)
Lars Anders Tomter (viola)
Pascal Moraguès (clarinete)

obras de
Robert Schumann – *Contos de Fadas*, op. 132
Francis Poulenc – Sonata, FP 184
Benjamin Britten – *Lachrymae*, op. 48a
Max Bruch – Peças op. 83

prelúdio científico:
Matemática e Música, **Jorge Buescu**

O TNSI É MEMBRO



MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

